



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Educação e Literatura: saberes, cultura e leitura

Sinop, v. 10, n. 1 (26. ed.), p. 521-535, jan./jul. 2019

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

TERRA SONÂMBULA:

os caminhos da guerra civil de Moçambique através da obra de Mia Couto

SLEEPWALKING LAND:

the ways of the civil war of Mozambique through the work of Mia Couto

Altair Sofientini Ciecосki

RESUMO

Pretende-se, através deste artigo, mostrar como a literatura moçambicana, especificamente as referências que se apresentam na obra **Terra Sonâmbula**, do escritor Mia Couto, promove uma intersecção com a história do país, duramente marcado por uma complexa guerra civil. Para tanto, lançou-se mão de estudos bibliográficos de autores como José Luís Cabaço, bem como com uma entrevista semiestruturada com o Prof. Dr. Antonio Aparecido Mantovani, pesquisador da Universidade do Estado de Mato Grosso. (UNEMAT/SINOP). Adentrando-se no tecido ficcional da obra concluiu-se que ela faz referências ao processo histórico do conflito que marcou profundamente o povo moçambicano.

Palavras-chave: Literatura. Mia Couto. Terra Sonâmbula. Moçambique. Guerra civil.

ABSTRACT

Through this article, it is intended to show how Mozambican literature, specifically the references that appear in the work *sleepwalking land*, by the writer Mia Couto, promotes an intersection with the history of the country, hard marked by a complex civil war. In order to do so, we have used bibliographical studies by authors such as José Luís Cabaço, as well as with a semi-structured interview with Prof. Dr. Antonio Aparecido Mantovani, researcher at the State University of Mato Grosso.



(UNEMAT / SINOP). Entering the fictional fabric of the work, it was concluded that it makes references to the historical process of the conflict that profoundly affected the Mozambican people.

Keywords: Literature. Mia Couto. Sleepwalking land. Mozambique. Civil war.

Correspondência:

Altair Sofientini Ciecowski. Graduado em Letras pela Universidade Paranaense (UNIPAR). Especialista em língua portuguesa e literatura brasileira pela mesma Instituição. Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Letras – PPGLetras da Universidade do Estado de Mato Grosso, Câmpus Universitário de Sinop. Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: altairart@yahoo.com.br

Recebido em: 20 de novembro de 2018.

Aprovado em: 20 de fevereiro de 2019.

Link: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/3390/2487>

1 INTRODUÇÃO

Os países africanos de língua portuguesa passaram por um período colonial que deixou profundas marcas. No caso de Moçambique, país da África Austral, mesmo após o processo de independência, não encontrou a almejada paz, ao contrário, sofreu de veras com “uma sangrenta guerra civil que devastou completamente a nação” (VISENTINI, 2012, p. 42).

O presente artigo propõe a observação de como a narrativa ficcional da obra **Terra Sonâmbula**, do escritor Mia Couto, promove uma intersecção com os recortes históricos da guerra civil de Moçambique. Na observância das personagens e do enredo, pretende-se demonstrar como o autor perfaz um itinerário que remete ao conflito armado deste país africano. De que forma se dá esta aproximação entre a obra de Mia Couto e os aspectos históricos de Moçambique? Como se apresentam os registros do conflito na narrativa?

Para responder a estas questões, o estudo pautou-se em pesquisas bibliográficas, ancoradas, entre outros, pelos autores José Luís Cabaço (2009) e Paulo Fagundes Visentini (2012), escritores que dialogam acerca das questões históricas de Moçambique, mormente os acontecimentos que antecederam à independência e à guerra civil. Contou-se, ainda, com uma estimulante entrevista

semiestruturada realizada através de correspondências por endereço eletrônico, com o Prof. Dr. Antonio Aparecido Mantovani, da Universidade do Estado de Mato Grosso. (UNEMAT/SINOP), ilustre pesquisador das literaturas africanas de língua portuguesa e que aclara sobremaneira vários pontos importantes no tocante à relação entre ficção e história nessas literaturas.

É notório que os estudos acerca dos países africanos de língua portuguesa têm crescido vertiginosamente, entre outros motivos, por uma imperiosa necessidade que se tem de conhecer mais sobre a formação do povo brasileiro. Fortes laços unem estes países ao Brasil, seja pelos antepassados ou pela língua portuguesa que se tem em comum.

Assim, apresenta-se o delineamento de discussão da relação entre história e ficção nessas literaturas, especificamente na obra de Mia Couto, tendo-se como norte, também, a percepção de pertinência da temática para os dias atuais.

2 HISTÓRIA E FICÇÃO NAS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Consoante às diversas lutas e conflitos a que foram submetidos os povos dos países africanos de língua portuguesa, certamente não se trata de coincidência apresentarem uma literatura rica em narrativas ficcionais que retratam os grandes problemas sociais que enfrentaram.

Ao buscar uma relação mais profunda entre literatura e história, torna-se importante considerar, inicialmente, o que foi dito por Wellek e Warren (2003. p. 113): “a literatura ‘representa’ a ‘vida’, e ‘vida’, em grande medida, é uma realidade social”.

O autor Francisco Noa, na obra **Uns e outros na literatura moçambicana** (2018, p. 36) ao referir-se aos escritores e artistas africanos, assegura que se trata de uma grande vocação que “no âmago de seu processo criativo, não se conseguem alhear da realidade de onde provém e que os envolve, os questiona, os fascina.”

Não se objetiva aqui propor que literatura seja vista como um ‘documento histórico’, mas dentro das características literárias de autores como Mia Couto, visto, conforme assevera Braúna (2014, p. 37) como o “‘ponto de interseção’ que se há de

perseguir na trama tecida entre a história, a literatura e a sociedade desse país da África Austral”, essa criação literária pode ser importante para contemplar e compreender a visão do autor e da sociedade sobre alguns aspectos históricos e importantes de Moçambique.

Segundo Hutcheon (1991, p. 147) “a ficção pós-moderna sugere que reescrever ou rerepresentar o passado na ficção e na história é – em ambos os casos - revelá-lo ao presente, impedi-lo de ser conclusivo e teleológico”.

Além disso, entende-se que os aspectos históricos de um país não precisam ser contados unicamente por historiadores. No caso de Moçambique, tem-se a oportunidade de visitar esse país, sua história, através da literatura, afinal, “concebidas nesta relação, história e literatura não se apresentam como realidades paralelas e, portanto, dissociadas” (GOBBI, 2004, p. 37), ao contrário, dentro dessa proposta, história e literatura apresentam-se dialeticamente integradas e nas literaturas africanas de língua portuguesa, de uma forma geral, essa relação é uma constante.

Tomemos como exemplo Cabo Verde. Ao referir-se à obra **Dois irmãos**, do escritor Germano Almeida, o Prof. Dr. Antonio Aparecido Mantovani, esclarece:

(01) Antonio Aparecido Mantovani: O próprio Germano Almeida afirma que a história que motivou a escrita do romance é real, data e nomeia a ilha (não a aldeia) onde os fatos ocorreram. Além disto, sabe-se que o autor é um reconhecido advogado cabo-verdiano, foi agente do Ministério Público neste período, indício de que esta história que dá origem ao romance pode ser verdadeira. Na obra, verifica-se a pobreza do meio, ainda que este não seja o tema, e uma cultura patriarcal, arraigada nos antepassados com dogmas que dominam a comunidade. A personagem principal, André, vê-se obrigado a cometer um crime que não queria, vingar-se do irmão solteiro por um suposto adultério cometido entre ele e sua cunhada, a esposa de André. O pai dos irmãos afirma ter presenciado João, o filho solteiro, num ato reprovável com a cunhada e exige uma vingança. O patriarca faz lembrar seus antepassados, chefes de família seguros de suas decisões, esteios da disciplina e da tradição que, em nome da honra e do temor a Deus, tomam atitudes incompreensíveis para a maioria.

Observa-se que ao evocar as tradições e costumes, o patriarca ratifica a importância que eles possuem para esses povos. Assim, os aspectos históricos e culturais se embrenham na narrativa conferindo-lhe um caráter muito particular, perpassando os limites do estético.

Segundo Wellek e Warren (2003; p. 285) a literatura “deve, naturalmente, encontrar-se em uma relação reconhecível com a vida”.

Ao buscar esboçar uma análise entre história e literatura considerando-se Moçambique, procurou-se saber se era possível aplicar esta relação, também aos demais países africanos de língua portuguesa, como, por exemplo, Angola e Cabo Verde. Segundo o Prof. Dr. Antonio Aparecido Mantovani:

(02) Antonio Aparecido Mantovani: É possível. No entanto, ainda que sejam ex-colônias de Portugal, a abordagem dos textos literários destes países também apresenta enfoques diferentes por diversas razões como a climática e a econômica, por exemplo. Por falar em elementos históricos, no período colonial é possível encontrar, às vezes, uma literatura “incentivada” oficialmente como instrumento ideológico do colonizador a par de uma literatura engajada, de resistência e luta contra este. A resistência dos africanos no período colonial está muito presente em obras de grandes autores como Eugénio Tavares, em Cabo Verde, Craveirinha e Noémia de Sousa em Moçambique e Costa Andrade em Angola, por exemplo. Ressalta-se que enquanto protesto, a poesia ganha grande destaque, talvez por ser mais popular no meio, e de fácil memorização. Não podemos esquecer também que é de natureza da prosa, seus laços com os elementos históricos, culturais e sociais. Entre os temas que aproximam estas literaturas destacamos aqui as obras que tematizam a resistência e a luta pela independência das ex-colônias, a guerra civil pós-independência e a projeção destes países como nação para libertar-se da periferidade em obras escritas ainda na atualidade, mesmo que não tratem diretamente sobre estes temas como muitas vezes verificamos em Mia Couto, autor moçambicano e Germano Almeida, este cabo-verdiano.

Assim, depreende-se que embora cada país tenha suas especificidades, pode-se afirmar que o passado colonial que os une possibilita uma leitura histórica aproximada e que a literatura não se esquivou de dialogar com estas características.

Wellek e Warren (2003, p. 287) asseguram que “toda arte, com certeza, ao oferecer distância estética, moldando e articulando, torna agradável contemplar aquilo que seria doloroso experimentar ou mesmo testemunhar na vida”.

Dessa forma, evidencia-se a possibilidade de se conhecer, através de narrativas literárias, um pouco mais da história dos países africanos de língua portuguesa. Como bem observa Ramos, no prefácio da obra **Nyumba-Kaya**, de Dércio Braúna (2014, p. 15):

A história tem muito a ganhar com a literatura. Não porque a ficção é baseada ou inspirada em fatos. Não é por ter um pé na dita realidade que a literatura pode ser o objeto de estudo de um historiador. O que interessa ao saber histórico é a multiplicidade de sentidos compartilhados na escrita que hoje chamamos de romance.

É essa multiplicidade que encontramos na narrativa de **Terra Sonâmbula**, uma terra fragmentada, palco de deslocamentos e errância de suas personagens, que possibilita fazer uma provável leitura de como se apresentava Moçambique no período da guerra civil, um local onde “o céu se tornara impossível. E os viventes se acostumaram ao chão, em resignada aprendizagem de morte”. (COUTO, 2015, p. 9).

Wellek e Warren (2003, p. 287-8) nos falam sobre certo mundo dos romancistas, “reconhecível como sobrepondo-se ao mundo empírico [...] e que “às vezes é um mundo que pode ser mapeado em alguma região do globo”.

O mundo de Mia Couto, expresso em **Terra Sonâmbula**, é Moçambique. Quem adentrar-se no universo ficcional do romance em questão, não ficará, seguramente, à margem de parte da realidade desse país, afinal, embora seja um mundo de ficção, apresenta, seguramente, conexão com a história.

3 MOÇAMBIQUE, MIA COUTO E A OBRA TERRA SONÂMBULA

Terra Sonâmbula foi escrita no ano de 1992, época em que o escritor, Mia Couto, contava com 37 anos e que acaba por coincidir com o período que marca o término da guerra civil de Moçambique. Ao referir-se à obra do escritor Moçambicano, assim relata o Prof. Dr. Antonio Aparecido Mantovani:

(03) Antonio Aparecido Mantovani: *Terra Sonâmbula* é o primeiro romance de Mia Couto. Este romance traz como personagens principais Muidinga, um menino que sofreu amnésia, e Tuahir, um velho sábio que procura resgatar a estória do menino. No início da narrativa, eles estão fugindo da guerra civil em Moçambique, onde encontram um ônibus queimado e, junto a um cadáver; um diário em que narra os detalhes da vida de um menino, sobre a doença, o alcoolismo e a morte de seu pai, dos problemas da falta de recurso da família, o abandono da mãe e o início da guerra civil no país, numa narrativa que intercala a história da guerra com a do menino.

O menino, autor dos diários, é Kindzu, um dos narradores protagonistas do romance de Mia Couto, e que inicia uma longa trajetória após a morte do pai, na ânsia de tornar-se um 'naparama', que seria um justiceiro de sua terra. Em sua caminhada vivencia narrativas de lendas e tradições de seu povo.

O escritor Antonio Emílio Leite Couto (seu nome de registro) nasceu em 5 de julho de 1955, na cidade portuária de Beira (Moçambique). O país está localizado no Sudeste Africano, numa região onde predominam os climas subtropical e tropical marítimo. Os três principais rios são o Zambeze, o Limpopo e o Rovuma. Moçambique possui uma superfície de aproximadamente 800 km². O país é banhado pelo Oceano Índico (possui um litoral de 2.515 km).

Em certo fragmento da obra **Terra Sonâmbula**, pode-se imaginar a beleza destas águas, quando, metaforicamente, lemos a narrativa da personagem Kindzu: "O mar se abre como uma palavra azul. Ou quem sabe ali, a cor do azul é a própria água?" (COUTO, 2015, p. 40).

Mia Couto é filho de imigrantes portugueses que chegaram a Moçambique no princípio da década de 1950. Segundo Braúna (2014, p. 28). "Mia cresce num tempo tumultuoso, num tempo de profundas transformações para a então província ultramarina portuguesa. Sua juventude é vivenciada enquanto as nações africanas vão se tornando independentes".

Atualmente é o autor moçambicano mais traduzido e tem recebido várias premiações nacionais e internacionais pelo conjunto de sua obra literária. **Terra Sonâmbula** é considerado um dos dez melhores livros africanos do século XX.

4 A OBRA TERRA SONÂMBULA E SUA RELAÇÃO COM A GUERRA CIVIL DE MOÇAMBIQUE

Pretende-se, a partir de agora, promover uma intersecção na obra **Terra Sonâmbula**, com os aspectos históricos da Guerra Civil de Moçambique. Percebe-se, então, um certo imbricamento entre literatura e história, na medida em que se correlacionam a narrativa ficcional de Mia Couto e alguns fatos históricos do país africano.

Moçambique se tornou independente de Portugal em 25 de junho de 1975, depois de um conturbado e doloroso processo de luta (1964-1974). No enredo da obra **Terra Sonâmbula**, temos a oportunidade de conhecer os conflitos e angústias enfrentados pelas personagens Muidinga, Tuahir e Kindzu em suas andanças por essa ‘acidentada’ terra no pós-independência. A obra intercala as narrativas das personagens Muidinga e Tuahir que, conforme relato, “fogem da guerra, dessa guerra que contaminara toda a sua terra” (COUTO, 2015, p. 9) e de Kindzu, com seus dramas familiares, a morte do pai Taímo, o romance com Farida e o sonho que acalenta de se tornar um “vingador das tristezas da sua gente”. (COUTO, 2015, p. 31). As aventuras de Kindzu são relatadas através de diários (cadernos de Kindzu) encontrados por Muidinga e Tuahir junto a um cadáver, próximo a um machimbombo (ônibus).

O processo de independência do país africano é mencionado na obra. No primeiro caderno onde aparecem as narrativas da personagem Kindzu, seu pai, Taímo, anuncia solenemente a independência:

Recordo meu pai nos chamar um dia. Parecia mais uma dessas reuniões em que ele lembrava as cores e os tamanhos de seus sonhos. Mas, não. Desta vez, o velho se gravatara, fato e sapato com sola. A sua voz não variava em delírios. Anunciava um facto: A independência do país. (COUTO, 2015, p. 15).

Em homenagem à data solene, o velho Taímo ainda deu o nome a seu filho menor, irmão de Kindzu, de ‘Vinticinco de Junho’, (COUTO, 2015, p. 15). Clara referência, portanto, à data da independência de Moçambique (25 de junho).

Sabe-se, no entanto, que todo esse processo que culminou com a independência não foi algo simples. O país apresentava uma descolonização tardia

e isso provocava fortes movimentos nacionalistas. “As revoluções de Angola e Moçambique são consideradas como as mais expressivas do período”. (VISENTINI, 2012, p. 25).

Na narrativa, Taímo, o pai de Kindzu, afirma que “aquela confusão era vinda de fora, trazida por aqueles que perderam seus privilégios” (COUTO, 2015, p. 15), podemos reconhecer, assim, que as influências externas sempre estiveram presentes nas revoluções africanas, conforme também observa Visentini (2012, p. 30) que “as revoluções africanas estiveram associadas, desde suas origens, a redes internacionais e alteraram o perfil da descolonização”.

Nesse momento (1962), no país, surge a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO). Configurou-se a partir da união de três movimentos nacionalistas: União Democrática Nacional Africana (UDENAMO), União Nacional Africana de Moçambique Independente (UNAMI) e União Nacional Africana de Moçambique (UNAM). Este movimento de libertação nacional “elaborou um discurso e uma estratégia contra o colonialismo português” (VISENTINI, 2012, p. 91), procurando associar as questões da identidade africana, um conjunto de referências dos povos moçambicanos, a um discurso contra o colonialismo.

Eduardo Mondlane, um ex-professor universitário nos Estados Unidos e funcionário das Nações Unidas, tornou-se um dos fundadores e primeiro presidente da Frelimo. Estabeleceu como meta a libertação nacional diante do colonialismo português. De acordo com Visentini (2012, p. 91), “definiu, ainda, o papel fundamental da unidade no processo de libertação nacional, pois a divisão era a causa maior do fracasso da resistência histórica ao colonialismo”.

A Frelimo teve suas atividades oficialmente iniciadas em 1964, com uma luta armada. Eduardo Mondlane, no entanto, foi assassinado em 1969 por agentes da Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE). O novo dirigente da Frelimo passaria a ser Samora Machel, que se tornaria, mais tarde, o primeiro presidente do país.

Tendo em vista a persistência portuguesa, a luta armada era inevitável. A personagem Kindzu, na obra de Mia Couto, relembra estes conflitos até mesmo ao ouvir certas canções “dessas da luta armada de libertação” (COUTO, 2015, p. 115).

A Frelimo, então, procurava cada vez mais empregar a estratégia do fortalecimento do nacionalismo, até porque a capacidade militar de Portugal era bem maior. Sobre esse momento, Cabaço (2007, p. 362-3) assevera:

Obviamente, a capacidade militar portuguesa era bem maior que a moçambicana, tanto em quantidade de homens quanto em recursos a serem gastos com a guerra; contudo, havia muitos problemas para Portugal: a população moçambicana era, em sua maioria, hostil aos portugueses; a Frelimo era composta por moçambicanos, ao passo que o exército português era composto por em efetivo estrangeiro lutando em território desconhecido.

A situação interna de Portugal não era boa. O país passou a enfrentar uma revolta militar interna, que provocou uma instabilidade política. Com o fortalecimento da Frelimo, a independência de Moçambique já era tida como certa. Visentini (2012, p. 96) diz que “as autoridades portuguesas discordavam quanto ao rumo que deveriam tomar em relação à disputa que ocorria em Moçambique”. Seguramente, esta fragilidade portuguesa também contribuiu sobremaneira para o processo de independência de Moçambique.

Embora a Frelimo também contasse com disputas internas, inclusive confrontos entre membros do grupo, o espaço conquistado pelos guerrilheiros de Moçambique crescia notadamente. A liderança de Samora Machel se despontava ao conseguir manter seu grupo unido, mesmo com as diferenças, em favor do objetivo maior, que era a independência do país.

O momento frágil em que Portugal enfrentava “criou um vácuo de poder em Moçambique” (VISENTINI, 2012, p. 96). A Frelimo, claro, já se organizava para o processo de independência. A Frente planejava uma transferência de poder, sem a necessidade de eleições. Com um acordo firmado, um governo transitório foi constituído. Dessa forma, Samora Machel assume a presidência do país em 1975.

Não foi uma transição tranquila. Segundo Noa (2018, p. 19), “O período que se segue imediatamente à independência de Moçambique em 1975 será dominado por um grande fervor revolucionário”.

Reportando-se à obra **Terra Sonâmbula**, é possível observar quando o velho Taímo fala à sua família acerca deste momento conturbado: “O tempo passeava com mansas lentidões quando chegou a guerra. Meu pai dizia que era confusão

vinda de fora, trazida por aqueles que tinham perdido privilégios” (COUTO, 2015, p. 15).

O novo governo constituído não possuía autoridade sobre todo o território Moçambicano. Para aumentar a tensão, Machel ainda tecia duras críticas aos regimes racistas da Rodésia e da África do Sul, o que levou esses países a “apoiarem o grupo opositor Renamo, que enfrentaria a Frelimo numa sangrenta e brutal guerra civil” (VISENTINI, 2012, p. 99).

Assim, a independência do país não trouxe a tão almejada paz, pelo contrário, o país foi assolado por uma sangrenta guerra civil. Visentini (2012, p. 98) afirma que: “A guerra civil moçambicana, iniciada pouco tempo após a guerra de independência, levaria o país à beira do colapso pela destruição que ela iria provocar”.

No enredo de **Terra Sonâmbula**, em vários momentos ficam expressas as marcas dessa terrível guerra. No início da obra, o cenário apresentado é simplesmente desolador: “pelas bermas, apodrecem carros incendiados, restos de pilhagens” (COUTO, 2015, p. 9). Na narrativa ainda é possível observar uma ascendência nos graves relatos mencionados: “Depois, os tiroteios foram chegando mais perto e o sangue foi enchendo nossos medos. A guerra é uma cobra que usa os nossos próprios dentes para nos morder. Seu veneno circulava agora em todos os rios da nossa alma” (COUTO, 2015, p. 16).

Chega-se àquele instante em que se depreende pela narrativa que a guerra não terá fim: “Essa guerra algum dia há-de-acabar?” (COUTO, 2015, p. 100). E os relatos de guerra continuam sempre presentes na obra: “A guerra se espalhou por todo o país. Em todos os lados, se repetiam as balas, se espalhavam as apressadas sementes da destruição” (COUTO, 2015, p. 29).

Terra Sonâmbula ainda apresenta a narrativa de assaltos e roubos nas comunidades: “Não faltava notícias de capoeiras assaltadas” (COUTO, 2015, p. 17). Quando os bandos chegaram “assaltaram, mataram, queimaram” (COUTO, 2015, p. 64) e deixaram a aldeia “deserta, todos partiram” (COUTO, 2012, p. 64).

Os relatos ficcionais encontram ressonância no que, de fato, acontecia em Moçambique nesse período, com um cenário de violência e miséria.

A onda de violência que havia tomado conta de Moçambique estava trazendo consequências nefastas para o país, o que em conjunto, somando-

se as falhas nas políticas governamentais e desastres naturais, empobreceu ainda mais a população. (VISENTINI, 2012, p. 103).

De volta à obra, Kindzu narra um momento de grande dificuldade para todos: “Mesmo para nós, que tínhamos bens, a vida se poentava miserenta” (COUTO, 2015, p. 16).

Não bastassem todos os problemas apresentados, graves secas sempre marcaram o país africano, que, somando-se ao cenário já destruído pela guerra, deixavam um rastro de fome e dor.

O flagelo da fome também foi apresentado na obra de Mia Couto. O velho Tuahir pergunta ao menino Muidinga: “Tem fome, não é verdade?” (COUTO, 2015 p. 48). Ao deduzir que o menino estava faminto, o velho dá uma receita inusitada de como se livrar dela: “Sabe o que você faz? Você engole com força. É, engole saliva, faz conta está entrar comida na garganta. A fome fica confusa, assim” (COUTO, 2015, p. 48).

No primeiro caderno de Kindzu, o narrador, por meio de metáforas, traduz o triste momento enfrentado por seu povo:

Falavam da grande baleia cujo suspiro faz o oceano encher e minguar. Minhas parecenças com o bicho traziam lembranças do antigamente: nós, meninitos, sentados nas dunas. Escutávamos o marmulhar das ondas, na quebra do horizonte, enquanto esperávamos ver a baleia. Era ali o lugar dela aparecer, quando o sol se ajoelhava na barriga do mundo. De repente, um ruído barulhoso nos arrepiava: era o bichorão começando a chupar a água! Sorvia até o mar todo se vaziar. Ouvíamos a baleia mas não lhe víamos. Até que, certa vez, desaguou na praia um desses marmíferos, enorme. Vinha morrer na areia. Respirava aos custos, como se puxasse o mundo nas suas costelas. A baleia moribundava, esgoniada. O povo acorreu para lhe tirar carnes, fatias e fatias de quilos. Ainda não morrera e já seus ossos brilhavam no sol. Agora, eu via o meu país como uma dessas baleias que vêm agonizar na praia. A morte nem sucedera e já as facas lhe roubavam pedaços, cada um tentando o mais para si. Como se aquele fosse o último animal, a derradeira oportunidade de ganhar uma porção. De vez enquanto, me parecia ouvir ainda o suspirar do gigante, engolindo vaga após vaga, fazendo da esperança uma maré vazando. Afinal, nasci num tempo em que o tempo não acontece. A vida, amigos, já não me admite. Estou condenado a uma terra perpétua, como a baleia que esfalece na praia. (COUTO, 2015, p. 21-22).

Esse quadro de fome, seca e violência em Moçambique, produziu, conforme relato de Visentini (2012, p. 103), uma “leva de refugiados e deslocados internos rumo às cidades”.

De volta à ficção, encontramos a narrativa de um momento como este no primeiro caderno de *Kindzu*: “A guerra crescia e tirava dali a maior parte dos habitantes. Mesmo na vila, sede do distrito, as casas de cimento estavam agora vazias” (COUTO, 2015, p. 22).

Com a disputa por domínio em várias regiões de Moçambique, a guerra entre Frelimo e Renamo parecia não ter fim. Segue-se, então, a morte de Samora Machel, com uma queda de avião em espaço aéreo sul-africano. O substituto, Joaquim Chissano, ascende ao poder em 1986.

Conforme Visentini (2012, p. 116), “em 1983, frente a um Estado à beira do colapso e sofrendo enormemente com as consequências da guerra civil, a Frelimo decidiu mudar sua estratégia econômica para conter a derrocada moçambicana”. Caminha-se, então, para as negociações de paz. A guerra civil em Moçambique perduraria até 1992. Consoante Visentini (2012, p. 122) “A desmobilização de ambos os lados foi finalizada em setembro de 1994, mesmo ano em que Moçambique teve as primeiras eleições multipartidárias desde sua independência”.

Ao analisarmos os fatos históricos de Moçambique acerca do período que antecede à guerra civil e do conflito em si, bem como a narrativa de Mia Couto em **Terra Sonâmbula**, pode-se concluir que há uma relação que os aproximam grandemente. Como bem ressalta o professor Dr. Antonio Aparecido Mantovani em sua entrevista:

(04) Antonio Aparecido Mantovani: Há uma estreita relação entre a Literatura e a História. Estas se complementam.

É o que se depreende com os elementos fulcrais da obra de Mia Couto e seu entrelaçamento com a história de Moçambique.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Face ao exposto, constata-se a existência de uma relação entre o período que vai da independência de Moçambique e posterior guerra civil com as narrativas ficcionais presentes na obra de Mia Couto.

Ao pretender promover um certo imbricamento entre literatura e história, observou-se uma grande correlação entre a narrativa ficcional da obra do autor e os fatos históricos do país africano. **Terra Sonâmbula** apresenta duas narrativas paralelas, em uma delas as personagens Tuahir e Muidinga caminham sempre entre os despojos da guerra, uma guerra que provocou morte, abandono e sofrimento e que a história registra como umas das mais sangrentas em países africanos. Através do percurso das personagens proposto pelo autor consegue-se vislumbrar o período em que imperaram os graves conflitos no país.

Em outra narrativa, nos detemos na história da personagem Kindzu, que apresenta uma relação conturbada com o pai, enfrenta o desprezo da mãe, e mesmo assim, segue sua busca idealista por justiça e mudanças em sua terra. Encontramos uma conexão com fatos históricos de Moçambique, um país que embora sofresse num espaço de destruição e decadência, acalentava, com seu povo, um sonho da construção de uma nação livre.

Não se configura como objetivo propor a empregabilidade da literatura como mais um documento histórico, mas dentro das características literárias do autor Mia Couto, que consegue problematizar os assuntos de sua terra, essa criação literária torna-se importante para contemplar aspectos históricos importantes.

Mia Couto, com inegável qualidade, consegue entrelaçar a ficção com a realidade de seu país. Na tessitura de sua obra encontramos parte da história de Moçambique.

REFERÊNCIAS

BRAÚNA, Dércio. **Nyumba-Kaya**. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2014.

CABAÇO, José Luís. **Moçambique**: Identidade, Colonialismo e Libertação. São Paulo: Unesp, 2009.

COUTO, Mia. **Terra Sonâmbula**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

GOBBI, Valéria Márcia Zamboni. Relações entre ficção e história: uma breve revisão teórica. **Itinerários, revista de literatura**, Araraquara, v. 1, n. 22, p. 37-57, 2004. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/issue/view/235/showToc>. Acesso em: 29 set. 2018.

MANTOVANI, Antonio Aparecido. **Antonio Aparecido Mantovani**: Entrevista [8 set. 2018]. Entrevistador: Altair Sofientini Ciecowski. Sinop, MT, 2018. Realizada por meio de postagens em endereço eletrônico. 6. f. Entrevista concedida para a realização de artigo da Disciplina de Metodologia da Pesquisa em Letras, no programa de mestrado PPGLetras (Unemat/Sinop).

NOA, Francisco. **Uns e outros na literatura Moçambicana**: ensaios. São Paulo: Kapulana, 2018.

VISENTINI, Fagundes Paulo. **As revoluções africanas**: Angola, Moçambique e Etiópia. São Paulo: Unesp, 2012.

WELLEK, René; WARREN, Austin. **Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.